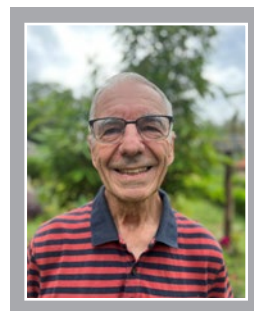

Líder servidor ou servidor líder

Todos nós somos chamados a exercer uma liderança servidora

Réal Sauvageau, fms
Distrito do Canadá – No Sri Lanka desde 2016
Formador nas Américas e na Ásia



Pertenço ao distrito do Canadá, mas estou em missão no Sri Lanka desde 2016. Particpei da formação do primeiro grupo Lavalla200> em 2016. Como tive a oportunidade de trabalhar no campo da formação durante vários anos, formando postulantes no Haiti e formando irmãos e leigos no Québec, e como havia uma clara necessidade de formadores na Ásia, pediram-me que



me juntasse à equipa de formadores que trabalham no noviciado internacional de Tudella, no Sri Lanka. Estou a fazer isto desde outubro de 2016.

Por isso, convidam-me a partilhar as minhas reflexões e experiências em relação ao conceito de liderança servidora. Antes de mais, tenho de admitir que demorei algum tempo a escrever este artigo. Perguntei a mim próprio porque é que não conseguia começar. E, finalmente, parece que encontrei a razão. A razão prende-se com a dificuldade de juntar os dois conceitos de líder e de servidor. Por mais vezes que os virasse, era como se não os conseguisse colocar na mesma caixa. Sentia que havia uma oposição, uma contradição que não conseguia resolver, ou seja, não conseguia ver o líder, com as diferentes abordagens de liderança que tinha estudado, como um servidor. Finalmente, tudo se tornou mais claro, como um eureka.

Apercebi-me de que existe uma relação de causa e efeito entre um e outro desta forma. Posso esperar tornar-me um líder inspirador se tomar claramente a decisão e a posição do servidor. Jesus não procurou ser um líder. Tomou resolutamente a opção do serviço. Procurou servir, o que significa amar. Amar = servir. “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida...”. (Mt 20,28). Ele recusa-se a aceitar a liderança que lhe querem impor. A tentação era grande, dada a sua força carismática. Mas ele rejeita violentamente essa ideia como uma armadilha preparada pelo Maligno. “Afasta-te de mim, Satanás” (Mt 16,23). Ele optou pelo amor, que significa serviço humilde até perder tudo, até aniquilar o seu ego, até sentir na sua carne o abandono do seu Pai, convencido de que ele nunca o deixaria sozinho; ele “perdeu-o” por nós, até sentir a sua ausência para que todos pudéssemos sentir a sua presença. Este é o líder-servo. Torna-se líder porque se fez servo até ao extremo.

Que consequências podemos tirar deste facto para a missão? Uma primeira direção surge claramente. Em vez de ser um líder, devo tomar claramente a opção do serviço: procurar servir e o resto (o reconhecimento da liderança) virá por acréscimo. E o serviço na missão pode assumir mil cores. Privilegio duas delas: a presença e a escuta. Recordo-me muitas vezes das palavras de Francisco de Assis, que o Papa Francisco retomou na sua viagem a Marrocos em março de 2019: “Ide e pregai o Evangelho: e se necessário, também com palavras”. Estas palavras dizem respeito à evangelização, mas podem ser aplicadas de uma forma geral a qualquer missão que tenha por objetivo evangelizar.

“E, se necessário, também com palavras”. No meu papel de formador, há uma armadilha em que caio: querer ser o líder que “treina”. A certa altura, apercebi-me de que não podia formar ninguém. Por mais estranho que isso possa parecer. E este pensamento é para mim o objeto de uma conversão permanente. Mais do que um formador, ou se quisermos ser um verdadeiro formador, parece-me que tenho de ser sobretudo um servidor que se faz presente e que escuta. Se podemos esperar algum fruto na formação, ele será uma consequência da aplicação destas duas atitudes fundamentais.

A presença

Isto significa que, na prática, para além do horário diário, tento estar o mais presente possível nas atividades dos noviços: trabalho manual, desporto, recreio. Aos 74 anos, devo admitir que isso exige por vezes um certo esforço da minha parte, sobretudo quando um noviço me pede para ir jogar ténis de mesa com ele depois de uma hora e meia de trabalho manual. Mas é bom para a relação, porque cria proximidade e um sentido de família. O bom humor dele transforma-se no



meu bom humor, gerando novas energias. Até ganho em termos de saúde. Permite-me movimentar-me mais.

A escuta

Outro lugar de serviço é a escuta, especialmente no acompanhamento. Que privilégio poder acompanhar esses jovens maristas! Testemunho frequentemente a ação da graça, do Espírito em cada um deles, que lhes permite tomar consciência de coisas que provocam mudanças importantes nas suas relações quotidianas. São verdadeiras conversões que, por vezes, os fazem exultar de alegria. É o mistério pascal da morte e da ressurreição vivido no quotidiano. Mas é também, da minha parte, o fruto de uma ascese da escuta sempre renovada, de um esforço para ouvir realmente até ao fim, sem interromper. Assim, há a possibilidade de a resposta que me chega no fim ou no silêncio vir do Espírito. Constatei que, na maior parte das vezes, as pessoas, sobretudo os jovens, têm mais necessidade de serem escutadas, de serem ouvidas naquilo que estão a passar, do que de receberem opiniões ou conselhos. Infelizmente, já assisti a alguns “abortos” espirituais por ter falado demasiado depressa e interrompido o curso. Para mim, é uma prática que tem de ser sempre repetida.

A presença e a escuta são, portanto, duas formas de encarnar o líder-servo na missão. E como isso é importante, especialmente para nós aqui na Ásia! De muitas maneiras, o Espírito precede-nos e precedeu-nos nestas grandes religiões de milhares de anos. A nossa missão, se é que podemos usar termos de construção, é muitas vezes mais como renovar uma casa ancestral do que construir uma nova. Isto significa escolher o que há de positivo em cada um e trazê-lo à luz. O Vaticano II fala das “sementes do Verbo” presentes em todas estas religiões. E é o mesmo trabalho que deve ser feito com todos.



Para concluir, ao sermos convidados a tornarmo-nos líderes-servos, lembro-me dos conselhos de um velho sábio que morreu recentemente no Sri Lanka: o Padre Aloysius Vanderwall, s.j. Foi o meu diretor espiritual durante vários anos. No último encontro com ele, há apenas três semanas, disse-me: “Réal, tenta sobretudo estar perto dos noviços, sem demasiados conselhos, sem demasiados comentários ou censuras, mas faz-te um com eles naquilo que estão a viver”. “Faça-se um”, três pequenas palavras que poderiam conter toda a noção do líder servidor. Esta é a maneira de ser um líder marista, seguindo os passos de Jesus Servo, seguindo os passos de Maria, a líder servidora por excelência, três pequenas palavras que resumem todo o amor evangélico. E se eu não tiver amor... já sabemos o resto.



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para fms.cimm@fms.it